

REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 1.^a

Fasciculo n.º 7

AVE-AZUL

DIRECTORES:
Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE JULHO DE 1899

CHRONICA



TÉ que, louvado Deus, vae enfim realisar-se o *desideratum* de todos quantos amam as letras portuguezas e, consequentemente, a obra d'esse genial Garrett que, neste seculo, foi, senão o primeiro, um dos primeiros, inegavelmente, a honral-as e a enriquecel-as.

A obra do grande poeta, do grande romancista, do grande dramaturgo, do grande orador, do grande Garrett em summa—que em tudo foi grande realmente, na poesia, no romance, no drama, na oratoria, em tudo, este grande, este, até hoje pelo menos, inexcédido espirito!—a obra do grande Garrett vae ser vulgarisada, conhecida, e portanto amada por todos os que ainda lêem, os que ainda sabem ler em terras lusas: que é amor sobretudo—amor, mais ainda do que admiração—o que a sua larga e preciosissima obra está destinada a inspirar a quem lêl-a saiba.

Ainda bem, que isto se vae fazer: a publicação das obras de Garrett por uma forma accessivel a todos, para nós, homens de letras, que as consideravamos o que de melhor produziu a primeira metade d'este seculo, era hontem uma aspiração: é hoje, vae ser hoje uma realidade.

Ainda ha pouco, alludindo a um artigo que a sr.^a D. Anna de Castro Osorio publicara no *Noze de Julho*, intitulado *A's Mulheres Portuguezas*, diziamos:

«Realmente a ellas (ás mulheres portuguezas) cumpre agora vingar a memoria do Poeta da indiferença com que o «*respeitavel* publico acolheu a ideia do Centenario: e a melhor forma de o vingarem—como Elle desejaria ser vingado —é amarem-o e—para o amarem—lerem-o.

Uma objecção se nos antolhava ao escrevermos aquellas linhas:—era a difficuldade que havia em obter muitas, senão todas, das obras de Garrett, por serem raras ou estarem esgotadas. Pois bem: essa objecção cahiu; tal difficuldade já não existe.

—*A Empresa da Historia de Portugal* (Livraria Moderna, rua Augusta, 95, Lisboa) acaba de abrir assignatura para as obras de Garrett(24 volumes, cujos dois ultimos serão dados em brinde aos assignantes) fazendo-se a distribuição por volumes mensaes, a seis tostões cada.

Diz assim o annuncio que ha dias recortamos d'um jornal qualquer:

«Embora constituam uma das mais brilhantes collecções, «em que os primores da linguagem e belleza de estylo difficilmente podem ser excedidos, forçoso é confessar que as obras «de Almeida Garrett são quasi desconhecidas do grande publico. Foi no intuito de obviar a este inconveniente, que a «*Empresa da Historia de Portugal*, que tem um alto fito de «educadora, se lembrou de adquirir as obras do inimitavel «prosador e lançal-as ao grande publico num largo movimento «de propaganda, de modo a poder proporcionar a sua leitura «a todos, abrindo uma assignatura aos volumes mensaes de «600 reis, de maneira que dentro de poucos mezes o leitor

«possa ter a sua estante enriquecida com uma collecção completa das obras d'um dos mais insignes homens de letras de Portugal, no presente seculo.

D'oravante pois, não terá desculpa quem desconhecer a obra d'aquelle que (para me servir das palavras d'um illustre poeta, o sr. Magalhães de Azeredo, em carta a um outro poeta não menos illustre, o sr. Joaquim de Araujo) d'aquelle que *pela pujança da sua obra, pela opulencia das suas faculdades de interprete e creador, é um dos maximos* homens representativos de Portugal e d'este seculo.

E nada mais por hoje. Tomando para assumpto d'estas linhas a nova edição das obras de Garrett foi nosso intuito deixar aqui bem claramente expresso o nosso reconhecimento á benemerita Empresa-Editora pelo relevantissimo serviço que ás letras portuguezas acaba de prestar e ao mesmo tempo aconselhar aos nossos leitores, e sobretudo ás nossas leitoras, que se apressem a enviar-lhe a sua assignatura na certeza de que nos hão-de agradecer o termos-lhe dado esta noticia.

O primeiro volume, cuja distribuição regular começou na dia 1 do corrente, é as *Viagens na minha terra...*

CARLOS DE LEMOS.



SALLA DE VISITAS

De J. Agostinho d'Oliveira

A morte da Avesinha



(AO RUY, PARA LER AOS 15 ANOS)

Lembra-te, Ruy, de que és o passarinho:
O sapo é o Mundo, o vil que tanto mente...
Se pousar's na roseira, vai contente
Beber o Aroma ao pé da Mãe, do ninho...
 Não fites muito o olhar
Cynico e forte, o olhar impertinente
 Do Mundo sem carinho!...
Não fites!... podes ir... és rio ao Mar!...
Não fites, que és perdido eternamente!...

I

N'aquelle dia, o ninho, na alta fronde,
Era um côro de beijos, d'harmonias...
E o Sol ia subindo até aonde
 Sóbe todos os dias,
A procurar o sonho em que se esconde.

Nascera um passarinho hilariante,
Como nasce uma estrella em meigo céu...
Vindo a aragem saudal-o, no descante
 Que todo o ninho encheu
D'um arroubo enormissimo e fragrante.

E a Mãe: — «Como és formoso, meu filhinho!
 Pedaco d'alma que arrojai á Luz
 P'ra ter inda mais luz no nosso ninho!
 Se te visse, Jesus
 Ai! parava outra vez no seu caminho...» —

E elle: — «Bem dita, minha Mãe, bem dita!
 São tão doces teu bico, a aza tua,
 A tua voz tão meiga, tão bonita,
 Que já conheço a Lua,
 E já conheço a Vida, que palpita!» —

E as outras aves: — «Salvé, passarinho,
 Anjo de neve, ó sonhador com azas,
 Gloria pura a cantar a luz d'um ninho
 Sobre serras e casas,
 Irmão da Flor que alegra um mau caminho!» —

E a torrente, que em baixo ia passando,
 Como o Judeu Errante, sem deter-se,
 E a brisa do alcantil, que ia soprando,
 Bem digna de beber-se,
 Regemêram de gôso, isto escutando.

Ha quem diga que o mesmo o Sol purpureo,
 Que ia soberbo no seu grande passo,
 Trouxe n'um raio um colossal murmurio
 — Qual joia d'um regaço —
 Que entrou das aves no febril tugurio.

Outros, que sabem ler nos vastos céos,
 Quando os astros fulguram, noite entrada,
 Juram ter visto em altos coruchéos,
 A' espera da Alvorada,
 — A' espera da avesinha — o proprio Deus!

II

E um dia a Mãe saudou o Sol mais lêda,
 Espannejada, alegre, quasi humana ;
 Toda a plumagem rica, egual á sêda,
 Como um leque, ella abana,
 Emquanto vae fitando uma alamêda.

— «Aonde vamos, Mãe ?» — disse o filhinho.
 — «Aonde ? Ao paraizo da Vertigem !
 Valsar com as aragens do caminho !
 Encher d'amor a Virgem,
 E, de saudades, velhos côr do linho !

Vamos ver onde sonha o puro lago,
 E que moldura tem de verde relva ;
 Vamos ouvir á lympha o canto vago,
 O dôce harpejo á selva,
 E ver d'onde é que o pão emfim vos trago !

Como tu vais gozar, ó passarito,
 Emquanto soffrem tantos sobre a Terra !
 Mas nunca esqueças meu calor bemdito,
 Pois só a Mãe encerra
 A paz que ninguem acha no Infinito !»--

E a Mãe e o filho foram voando, voando...
 Beijados pelo Sol que já descia...
 Ella, radiosa, e o pequenito, olhando,
 Pasmado do que via,
 Pasmado de se ver aos céos chegando.

E foi n'isto que a Mãe lhe disse bôa :
 — « Que te parece o Mundo ? não é bello ? » —
 — « O' minha Mãe, tão bello, que quem vôa
 Não teme sol ou gêlo,
 Nem chuva fria, nem trovão que trôa.

Se o puro anil do espaço illimitado
 — Ah! que força a da Fé! — a nuvem turva,
 Logo vemos fulgir o Sol amado,
 Tão rapida é a curva
 Que traçamos, ruflando o braço alado. » —

— « Pois vai indo, meu filho; vê se estudas,
 E te affazes ao espaço, que deslumbra ;
 Nunca desças á Terra ; olha que Judas
 Habita na penumbra,
 Mas tem não sei que luz nas guélas mudas.

Até logo ! » — E a grande ave, descuidosa,
 Cortou o Azul, brincando, n'um gorgeio ;
 E o passarito, os olhos côr de rosa,
 Em duas voltas, veio
 Pousar n'uma roseira esplendorosa.

Junto a um pequeno charco, um monstro inerte,
 Redondo como um ventre muito inchado
 Que não se rompe, mesmo até que o aperte
 Um pulso reforçado,
 A fresca relva em muladar converte.

Sereno como o charco, a vista núa,
 Dura, mas calma, d'um poder pungente,
 Como um punhal erguido para a Lua,
 Chamando-a lentamente . . .
 Um sapo ostenta a placidez tão sua.

E o passarinho á planta :—«O' Mãe ignota,
 Que formosas que tens as longas cômas!
 Tu tens rosas por aves; de ti brota
 Musica tal d'aromas,
 Que tudo em ti um ninho me denota.

Porque não cantas, planta? Se cantasses,
 Quem sabe se viria minha Mãe
 Aprender os gorgeios não fugaces
 Que as tuas rosas têm
 Em cada côr das setinosas faces?!

Encantadora! Dás-me tanto mel
 Nos cálices de fogo que apresentas!...?
 E ouvir eu já dizer, que existe o fel,
 Que existem as tormentas,
 Que ha quem nos leve as almas n'um tropel!

Toma lá beijos, santa Mãe calada!
 São bons, que minha Mãe foi quem m'os deu...
 Hei-de vir ver-te á luz da Madrugada...
 Talvez que a voz do Céu
 Te ensine a pôr em verso a côr de fada!» —

III

E o passarito, assim, ia poisando
 De ramo em ramo, o bico aberto, insonte,
 No gesto de quem anda examinando
 A festa do horisonte,
 A sonhar e a cantar. Eis senão quando

O olhar do sapo veio, como um gume,
 Atravessar-lhe o seu, inquieto agora;
 E a avesinha pensou, que um torpe estrume
 Vinha matar a Aurora,
 A cargas de fedor sobre o Perfume.

Quiz gorgear, quiz cantar, mandar uns beijos
 Ao infinito fulgor da Natureza...
 De rir e de chorar teve desejos...
 Mas, com a fauce presa,
 Foi descendo, descendo sobre os brejos.

De pernada em pernada, as lindas rosas
 Já vê como distantes utopias,
 Como vagas loucuras perfumosas
 D'alguns saudosos dias,
 Passados a beijar mulher's formosas.

E, pouco a pouco, a angustia fez-se enlevo;
 O agri-doce punhal do olhar do sapo
 Fulgiu-lhe como o orvalho sobre o trêvo...
 Fez-se um astro o farrapo;
 Fez-se o monstro um perlúcido mancebo!

E o passarito, rouco de emoção:
 — «Que luz, que luz, meu Deus, que luz tão forte!
 Parece que atravessa o coração...
 Nem sei, se é Vida, ou Morte;
 Nem sei se é cova, ou porta da amplidão!» —

E, no entretanto, o sapo a guéla abria
 Devagar, devagar como a Maré...
 Sem um impulso, hediondamente fria,
 Sem temor e sem fé,
 Sem o espasmo de ver quem... nada via!

E o passarito, mudo, já sem tino,
 Só vendo aquella luz em todo o espaço,
 Já baixava, sorrindo ao olhar ferino,
 Impertinente e baço,
 Do gordo sapo calmo, do assassino!

E o monstro, sem mexer o corpo immundo,
Mais electrico o olhar, todo ironia,
O olhar que entrava da alma bem no fundo,
A guela sempre abria,
N'um rasgão que ennojára todo o Mundo.

E é então, é então que o passarinho,
A sorrir para o sapo, audaz avança,
Como se fôra a tepidez d'um ninho;
E, qual cansada creança,
Agita apenas todo o seu arminho;

Louco descai na negra bôcca impura,
Fitando sempre o olhar que alli o trouxe,
E desce á treva sem soffrer tortura,
Inda n'um canto doce,
Ao bôjo que lhe foi a sepultura !

E o sapo, logo que elle, a fauce entrada,
Lhe resvalou no ventre, ao abandono,
Desceu da bocca a tampa inabalada,
E ficou-se, n'um somno
De féra a digerir a Madrugada !...

Lamego — Maio — 1899.



ARY RENÉ D'YVERMONT

(A. PARTHENIS)



o penultimo fasciculo da *Ave-Azul* fallamos d'este poeta, a proposito do seu ultimo livro *Chants de l'âme*: dissemos então que, a avaliar pelo retrato que acompanhava o volume, René d'Yvermont era um *novo* e um forte — com a *charpente* d'um vencedor, em toda a linha: no phisico e no moral.

Pois acertamos: e ainda bem que acertamos. Deu-nos a satisfação de vermos comprovado o nosso horoscopo um semanario francez *La Verveine* que por accaso nos chegou ás mãos e de cuja primeira pagina, que lhe é consagrada, pedimos venia para transcrever algumas linhas, para que os nossos leitores fiquem tambem conhecendo, assim, um pouco melhor, este bello poeta que é ao mesmo tempo—coisa rara hoje!—um homem de talento e um homem de character.

«Ary René d'Yvermont obteve o seu diploma d'estudos «secundarios especiaes na idade de treze annos (nascera em «Alexandria a 13 de fevereiro de 1872): aos quinze concluiu «os seus estudos gymnasiaes gregos; aos desoito era licenciado das Escolas Reaes Italianas. Doutor em direito aos vinte e dois annos, abandonava aos vinte e tres a advocacia para se dedicar inteiramente ao jornalismo e á litteratura onde «hoje occupa um posto invejavel. Teve de bater-se duas vezes «por questões d'imprensa e d'ambas as vezes a sorte lhe foi «favoravel. Em 1897, por occasião da desgraçada campanha «greco-turca, alistou-se como voluntario entre os soldados da «Patria e quando foi da retirada de Domokos foi ferido de leve «por um cavalleiro turco. Depois d'essa campanha seguiu co-

«mo jornalista a expedição anglo-egypcia ao Sudan: os seus
 «violentos artigos contra o governo inglez e egypcio valeram-
 «lhe então a expulsão e o exilio. Longe de descoroçar, lu-
 «ctou mais ainda: as conferencias anti-inglezas que no anno
 «passado realisou em Paris tiveram um character semi-official
 «e alcançaram um grande exito. Durante a sua estada em Pa-
 «ris, Ary René d'Yvermont collaborou nos principaes jornaes
 «da capital onde tratou com um conhecimento profundo e es-
 «pecial a Questão Egypcia e a Questão do Oriente em geral,
 «entre outros, no *Journal*, na *Patrie*, no *Echo de Paris*, na
 «*Revue Diplomatique*, na *Revue Internationale*, na *Revue Ge-
 «nerale des Sciences*. . Actualmente, Ary René d'Yvermont,
 «que é condecorado com a cruz da Ordem Imperial do Med-
 «jidich e membro de muitas sociedades scientificas, preoccu-
 «pa-se unicamente na litteratura. . .

Não é verdade que se harmonisam perfeitamente com as
 illações, que do seu livro e do seu retrato tirara acerca do seu
 character, os dados biographicos fornecidos pelo jornal de
 Mons?—Intransigente contra todas as tyrannias, entusiasta
 por todas as bellas causas, uma bella mocidade larga e gene-
 rosamente dispendida no combate, pela penna e pela espada,
 em prol da Justiça e da Liberdade, tal o visionamos: e tal
 se nos depara agora e o ficamos estimando para sempre: que,
 se mais alguma coisa precisa fôra para nos merecer a estima
 quem toda a sympathia nos grangeara já, de sobejo fôra a
 amabilissima carta em que o illustre poeta nos agradece o li-
 geiro artigo em que do seu livro demos as impressões da pri-
 meira leitura. São d'ella (e já agora vá mais esta transcrição,
 que o poeta nos perdoará, se peccamos por indiscreto) são
 d'ella as seguintes linhas que infallivelmente contribuirão pa-
 ra o tornar sympathico aos nossos leitores:

«J'ai un culte spécial pour le Portugal et les beaux mo-
 «ments que j'ai passé lors d'une courte halte à Lisbonne
 «m'ont complètement affermi dans mes idées premières, dans
 «mes idées de jeunesse.

«Oui, j'ai un culte privilégié pour votre terre, si brillante en héros et maintes fois, croyez-moi, en parcourant les belles pages littéraires de vos grands écrivains, (car je connais le portugais sans le parler) j'ai cru discerner une certaine affinité avec les pages célèbres de mes glorieux ancêtres. — Les annales de votre histoire immortelle m'ont fait maintes et maintes fois tressaillir devant la connexité des deux peuples. — Comme si le Portugal était ma patrie, j'ai applaudi à chacune de ses victoires et j'ai pleuré au récit de ses malheurs. — Les beaux temps du passé reviendront encore et les pages réciproques de l'histoire de votre patrie et de la mienne réapparaîtront glorieuses».

Oxalá se realize, e em vida nossa ainda, o vaticínio expresso neste ultimo periodo: oxalá!... Que de o vermos formulado por um extranho mais nos recresce a indignação contra os que, sendo portuguezes, se não pejam de desesperar do levantamento da sua patria! Mas ainda bem que ha crenças: ainda bem que ha poetas!

Tem rasão René d'Yvermont: Portugal e a Grecia são bem dois povos irmãos: fraternisaram nas glorias passadas: fraternisam nas presentes desgraças: hão-de ainda fraternisar em futuros triumphos: tambem nós o desejamos e, porque deveras o desejamos, tambem nós o cremos!

Vel-o-emos nós? vel-o-ão com certeza os nossos filhos: tanto basta.

A Mr. René d'Yvermont, com os nossos agradecimentos pelas suas affectuosas e reconfortadoras palavras, um apertado abraço de lealissima camaradagem e a certeza de que fazemos nossos, a favor da Grecia, os votos por elle formulados a favor de Portugal: — e aos nossos leitores a grata noticia de que breve poderão apreciar nas paginas da *Ave-Azul* o bello talento do auctor do *Chants de l'Ame*, que muito gentilmente nos prometteu a sua collaboração, favor por que, penhoradamente, lhe beijamos as mãos.

CARLOS DE LEMOS.

Estrella d'Alva



*Ao meu filho Ruy
no dia em que fez um anno.*

Ouve, filho meu, e recebe
as minhas palavras

Do Livro dos Prov.

(CONTINUAÇÃO)

XIV

E não admira pois, que seja triste
A face do Poeta : e o peito escuro :
E amargo o rictus da sua bocca : e duro
O seu olhar como uma lança em riste !...

Pois que muito, se ante elle ergue-se o Muro
Da Infamia e em derruil-o em vão persiste ?!
Se alguma Estrella que lá ao longe aviste,
E' p'ra que veja quanto o Mundo é impuro ?!

Se dá vontade de morrer, ao ver-se
Desfeito, neste remoinho indomito,
Tanto Sonho a florir—cortado cerce ?!

E, enterrada no Charco onde chafurda,
Gente a beber o já bolsado vomito...
Toda abrasada numa sede absurda ?!...

XV

Um homem houve que se ergueu um dia
De ponto em branco a combater na Liça
Pela Fé, pelo Amor, pela Justiça,
Desmascarando o Egoísmo e a Hypocrisia.

—Accusô...—E a sua voz, nunca submissa,
Rubra de intima colera fremia :
Era a voz da verdade que estrugia
Da gentalha sobre a onda movediça...

E a onda movediça da gentalha
Ergueu-se contra elle em turbilhão
Numa torpe, cobarde, impia batalha...

Era um heroe:—e na rua apedrejaram-no!
Era um justo:—e (fatal contradicção!...)
Os homens da justiça condemnaram-no!

XVI

Uma Nação que em altos brios orça
Pelas que mais os têm—Patria do Cid!
Em prol do seu bom nome entra na lide,
A força do Direito oppondo á Força...

Mas,—bem que as forças ultimas envide!...
Eil-a vencida!... eil-a abatida!...—Torça
A frente heroica ao jugo: e que se estorça
No seu sangue: que a Força é quem decide!

Não tem p'ra quem appelle: a Europa toda,
—Nações suas irmans!—eil-as de roda
Cheias de pena... e a rirem-se no fundo!

E a Hespanha no seu lucto :—Que me cale?!
E hei-de eu calar-me!... Então de que me vale
Ter dado ao Mundo-Velho o Novo-Mundo?!...

XVII

Oiros do Sol : fragancias do Ar : ternuras
Do Azul spirituaes, religiosas :
Jardim d'astros o Ceo : e ceo de rosas
Esta Terra d'amores e aventuras !

Lindos Idylios : Proesas gloriosas :
Bellas Mulheres : inclytas Figuras :
E as Almas dos poetas, almas puras,
Cheias de fundas crenças vigorosas !

Quão outra do que foste ora te vejo :
—O Ceo escuro : arida a Terra : e escura
E arida a nossa Alma como um brejo !

E parece que até a Natureza,
Mudada do que foi, tambem procura
Fazer de tudo isto... uma tristesa !

XVIII

Arma-se em festa a Capital : e é vel-o,
—Ao Povo alegre, enamorado e forte
Que, rindo e cantando, arrostou co'a Morte,
Quinas ao vento como um Set'Estrello !—

E' vel-o agora, acabrunhado o porte,
Como quem traz comsigo um pesadello,
E um sorriso nos labios, amarello
Como de quem desesperou da Sorte!...

Elle ahi vae por essas ruas fóra...
 Mudo e soturno, elle ahi passa agora
 Em cortejo de gala... E' um horror!

Como elle ahi desfila—tão vencido,
 Que parece mas é que vae jungido
 Ao Carro-Triumphal do Vencedor!

XIX

Hora triste—bem triste!—a hora que passa...
 A hora que passamos, nesta hora
 Em que a nossa Alma desolada chora...
 Se se pode chorar em tal desgraça!

Na lividez da Noite que apavora
 A Ave dos Maus-Agouros esvoaça...
 Um Espectro ergue a voz:—vae pôr em praça
 Este povo que ao Mundo abriu a Aurora!

E nós vamos correndo para o Abyssmo,
 Arrastando comnosco a nossa sombra,
 Pavidos do eminente cataclysmo...

Curva a fronte: o olhar murcho: e a alma exangue
 No horror do Fado atroz que nos assombra
 Como um signal do Deus feito com sangue!

XX

Revoluções? mas de que valem?—Finda
 Uma miseria: outra maior começa...
 Sempre um jugo a pesar sobre a cabeça
 De quem mais alto a alma e os olhos guinda!

Accende-se uma luz na noite espessa
 E toda a gente, vendo-a, a diz bemvinda...
 Mas, logo extincta, mais escura ainda
 Faz que a todos a noite nos pareça !

P'ra que gritar ? p'ra que lutar ? se é vão
 Todo o protesto e inutil todo o esforço
 Que a gente faça p'ra se erguer do chão ?...

Assim, morta a virtude, morta a fé,
 Nós vergamos ao jugo o ignobil dorso,
 Miserrimos gemendo : — Para quê ?...

XXI

Para quê ? !... — Mas p'ra morreremos,
 Se p'ra vivermos nada o esforço valha !
 P'ra florirmos no campo da batalha
 Em vez de nesta lama apodrecermos !

Para ouvirmos os eccos da metralha
 Accordarem sequer nos montes ermos
 Uma voz a abençoar-nos e p'ra termos
 Nas dobras da bandeira uma mortalha !

Vale então mais essa existencia estúpida
 Que viver por ventura nos deixassem
 Os que nos teem sob a garra cupida ? !... :

E então, se a gente não mudar de rumo,
 Qu: será, oh meu Deus ! dos que ora nascem
 Para viverem amanhã... e como ? !

XXII

E ha-de o meu filho—que tu propria crias
 P'ra que elle seja bom !—ha-de elle, o Herdeiro
 Do meu direito ao Mundo verdadeiro
 Tal qual devera ser o d'estes dias :

Ha-de o meu filho—o doce Mensageiro
 Das nossas ineffaveis alegrias!
 Realisação de mutuas utopias!
 Elle—o nosso mansissimo Cordeiro!

O Sonho em carne e o Beijo em alma feito...
 Encarnação do extasis de quando
 Todo o ceu se me abriu no nosso Leito!

Ha-de o meu filho... E' impossivel! nunca!
 Pois havia de rasgar-lhe o seio brando
 Do negro Desespero a garra adunca?!

XXIII

Pois hão-de me chorar aquelles olhos
 Que tu beijas e eu beijo a toda a hora,
 E ha-de a Amargura escurentar-me a Aurora
 D'aquelle olhar onde não ha refolhos?!...

E' verdade que a Aurora tambem chora...
 Mas rocio em flores; não... sangue em abrolhos!
 Tão lindos olhos, quem lh'os deu fadou-lh'os
 Para cantarem pela Vida fóra!...

Sigam cantando, como cantam hoje,
 Quando servem aos teus de claro espelho,
 Oh Mãe p'ra cujos braços dos meus foge!

Sigam cantando desde o Berço á Cova,
 Sem verem o estertôr do Mundo-velho
 Seus olhos onde avisto uma Era-nova!

(Continua).

CARLOS DE LEMOS.

O CRIME



—Sabem?... O João da Quinta matou-se!

—Han?!...

Esta noticia voava de boca em boca, por toda a aldeia, deixando estarrecidos de pasmo todos aquelles que a ouviam.

—Matou-se: em casa, no quarto, mesmo aos pés da cama, d'onde a mulher, já deitada, o chamava toda inquieta por o ver andar até tão tarde, d'um lado para o outro, sem querer dormir...

Matara-se. Pobre João da Quinta! para o que lhe havia de dar! Que, a bem dizer, o caso não era lá para grandes surpresas, não. A maluqueira que ha uns annos entrara com o infeliz por força havia de dar em coisa má mais tarde ou mais cedo...

Isso era o que todos na aldeia lhe agouravam já de ha muito, desde que elle começara a andar esquisito, arredio, fugindo de repente no meio da conversa mais serena, como se o picassem com uma aguilhada ou visse demonio a surgir-lhe pela frente...

E aventando supposições, e cruzando commentarios, lá se dirigiam todos em bando para casa do suicida, do pobre João da Quinta.

Mas, á porta, chapéu na mão, coração apertado de pavor, todos estacavam intimidados pela presença do morto e ainda mais pelos soluços convulsivos, roucos, inextinguiveis, da mulher, deitada de bruços sobre a cama, a cara escondida no travesseiro, surda a todas as consolações e a todo o appello dos que a rodeavam compadecidos da sua desgraça.

Ha seis annos que o morto se casara com a pobre que ali estava agora a chorar assim perdidamente, com essa que fôra

a moça mais bonita de toda a redondesa, a Josefa Maria de grandes olhos negros de velludo, cabellos de rainha e um corpo cheio e forte de deusa antiga, que era a perdição de todos os rapazes que-a viam e a quem ella não dava sequer a esperança d'um simples olhar.

Fôra a linda moça ferozmente disputada ao João da Quinta pelo Pedro da Azenha, rapaz mais bonito do que elle nunca o fôra, mais aperaltado e sobretudo muito, muito mais rico.

Que ciumes não curtira com o receio de que a Josefa Maria o deixasse por elle!

Mas o Pedro da Azenha apparecerá uma manhã na estrada morto d'uma facada em pleno peito sem que a justiça nunca lograsse saber quem fora o assassino que lh'a vibrara...

E depois todos os receios acabaram. A rapariga, não vendo outro partido mais vantajoso, porque o João da Quinta tinha bastante de seu, dera logo a sua palavra ao rapaz e d'a-hi a quatro mezes já elle podia chamal-a sua no arrebatamento da sua paixão dominadora e selvagem.

O mais...

O mais só elle o sabia; elle... e a sua consciencia, cujo grito era abafado pelo riso alegre da moça a cingir-lhe o pescoço num abraço, cegando-o com tanta luz que dos seus olhos negros vinha, quente, amorosa e fascinadora.

Quem matara o Pedro da Azenha, fôra elle: fôra elle, num arranque de ciume brutal, d'uma vez em que, chegando a explicações, este, furioso, lhe dissera que a moça havia de por força de ser d'elle, ainda que a morte o levasse para debaixo da cova.

E illudia o seu remorso, pensando que o matara num legitimo desforço: que um dos dois afinal era de mais; que o Pedro da Azenha era o ladrão da sua felicidade: matando-o, não fizera senão defender o seu amor—o seu amor que era, numa palavra, mais, muito mais que a sua propria vida. E depois, se o outro não morresse, morreria elle então: e emfim, morrer por morrer.

E ia vivendo sem cuidados de maior, todo enlevado na belleza da Josefa Maria.

Mas, passado tempo, a vida começou de lhe correr mal. As vinhas entraram a seccar; as sementeiras a dar muito pouco; e a fructa, muito antes de amadurecida, a apparecer, de manhã, cahida no chão, como se, pela calada da noite, mão invisivel e traçoieira viesse furtivamente arrancal-a da arvore.

O João da Quinta redobrava de esforços: adubava melhor as terras: rogava para o cultivo os trabalhadores de mais fama: mas tudo era em vão. A novidade lá vinha a principio menos má; mas durante o anno, ia-se-lhe tudo perdido a olhos vistos. E era uma dôr d'alma a fazenda do pobre homem morta de todo e ao lado as dos visinhos cada vez mais florescentes, como se andasse alguém tirando a uma o que ás mãos largas prodigalisava ás outras.

Num anno em que a colheita do milho fôra excellente e elle já começava de andar mais animado, accordou certa noite, num sobresalto, a parecer-lhe que via tudo em chammas, que o apertavam num circulo de fogo. Sem saber porquê, como que obedecendo a um impulso que lhe vinha de fóra, vestiu-se, desceu á quinta e deitou a correr em direcção ao casinholo onde arrecadava os cereaes.

Estava a arder. A chamma irrompia já de todos os lados, impetuosa, avassaladora, assoberbando tudo. E... coisa prodigiosa! uma figura estranha, erecta sobre o telhado, por um gesto largo e continuo das mãos, é que parecia atear e fazer crescer aquella chamma que ia lambendo tudo numa furia de demonio...

O João da Quinta, perdido de assombro e de raiva, entrou de arremessar grandes pedras a essa figura estranha sempre immovel sobre o telhado, só as mãos a agitarem-se continuamente sem a tregua d'um segundo...

Quem seria o scelerado... ou o doido?!...

Mas de repente deitou a fugir numa correria louca, dando uivos de pavor, ao ver essa figura descer, como num sonho, do telhado e crescer para elle sombria, terrivel, ameaçadora.

‘Ceus! reconhecera nella o Pedro da Azenha, o Pedro que elle matara, elle proprio, ainda com a larga ferida aberta a jorrar sangue sobre o peitilho da camisa e a calça de largo xadrez muito claro! . . .

E desde então o João da Quinta nunca mais teve uma hora de socego. Comia pouco, dormia mal, agitando-se todo em sonhos cortados de pesadellos. Nunca mais se atreveu a olhar direito: e, logo que escurecia, raro era o sahir de casa sozinho, com o pavor do *morto* que agora lhe apparecia muitas vezes, de subito, em qualquer parte.

Os vizinhos começaram a tel-o por doido, vendo que, no meio d’uma conversa, elle deitava a fugir aos gritos, como se a garra d’algum demonio o perseguisse; e que depois, quando já mais socegado, o interrogavam, elle não respondia ou dizia que estava bem; que o deixassem; que não era nada.

Se isto era de quem tinha o juizo todo! . . .

Numa noite em que se arriscara a ir com um seu compadre quinta fóra e em que este, para o distrahir d’aquella *my-santhropia*, lhe fallava do arraial e das festas da proxima romaria, o João da Quinta, ao olhar para o bocal do poço, viu em cima d’elle o Pedro da Azenha, mas agora numa figura prodigiosa que parecia chegar até ás nuvens, a fital-o, a fital-o caladamente, num silencio que o gelou até os ossos. . .

Ao outro dia, quando foram regar, acharam o pôço vasio: a nascente seccara.

Embranqueceram os cabellos do João da Quinta. Desanimara de todo: já nem cultivava a terra. Para quê? Se o *morto* lhe viria destruir tudo! Estava já empenhadissimo: faltava-lhe o dinheiro, e não encontrava quem lhe emprestasse mais, porque todos tinham receio de ficar sem elle. A Josefa Maria tentava ás vezes reagir contra aquillo e animava-o a que cultivasse a terra de novo, a ver: que assim em breve teriam de pedir esmola. Mas nada conseguia: o João da Quinta abanava a cabeça e continuava sempre na mesma inacção.

Por ultimo entrara com elle a certeza de que o *morto* viria mata-lo uma noite com uma navalhada em pleno peito, no

mesmo sitio em que elle lh'a vibrara outrora. E seria com a navalha que elle proprio trazia no bolso, com essa mesma que tantas vezes, na previsão do que aconteceria, pensara em deitar fóra, sem conseguir nunca fazel-o, porque uma força invencivel—a mão do *morto*, que duvida?! a mão do *morto*, que queria ter ali o instrumento de que se servisse!—lh'o impedia sempre, paralisando-lhe o braço que ia realisar o intento.

E aquella tragica certeza tornara-lhe a vida um pavor de todos os instantes. A pobre Josefa Maria nem já era senhora de cuidar da lida da casa, porque elle não a deixava nunca, na persuasão de que o *morto* o assassitaria mais facilmente, encontrando-o só.

Mesmo de dia, a porta estava sempre trancada, corridas as vidraças: não ia d'um para outro compartimento sem alguem que o acompanhasse; e de noite, se acontecia apagar-se a candeia, que de ha muito ficava sempre accesa, a Josefa Maria acordava logo muito assustada, aos gritos afflictivos do marido, ou ao ligeiro ruido do seu estertor d'allucinado, as palavras a engasgarem-se-lhe na garganta, sem voz para as proferir, todo coberto de suores frios.

Se lhe perguntava o que tinha o que sentia, o que via, calava-se, os olhos baixos, muito palido, ou então rompia em soluços abafados, cortantes, até que as lagrimas arrebatavam, grossas como punhos, a marcarem-lhe o rosto com largos sulcos profundissimos.

Um inferno, aquella vida!

Uma tarde a mulher do João da Quinta, muito surprehendida, viu o marido serenar como por encanto d'aquella exaltação, d'aquelle estado febril d'allucinado em que andava ha tanto tempo. Como que se dissipara aquelle grande pavor: corria a casa sosinho; fallava naturalmente; abriu as janelas... Todavia, apesar de muito satisfeita, a pobre mulher estremecia sempre num arrepio ao fitar o marido, vendo-lhe nos olhos uma expressão sombriamente feroz e resoluta que nunca lhe vira...

A' noite não quiz deitar-se. Andava d'um lado para o outro, de luz na mão, revolvendo tudo; ou então sentava-se e ficava immovel tempos e tempos, os olhos a luzirem no escuro como carvões accesos. A Josefa Maria, esgotados os meios todos de persuasão, foi deitar-se desanimada; mas de lá continuava a chamal-o, sempre em voz muito branda, muito carinhosa, apesar do arrepio de susto que lhe corria o corpo todo. De subito, viu-o erguer-se e dirigir-se para ella, os olhos esgaseados, uma expressão medonha no rosto, que a paralisou de medo sobre a cama; e, chegado ao quarto, mesmo aos pés do catre, viu-o sacar da navalha por um movimento rapido e nervoso e craval-a no peito, no lugar mesmo do coração, sem que ella, posta a pé d'um salto, lograsse impedir-lhe o golpe.

— Desgraçado! que fizeste?! .. clamou, ajoelhando ao lado do seu corpo cahido numa convulsão.

— Cala-te! E' *elle* que me mata! E' *elle* que se ving! E'...

E não poudé mais.

Com a phisionomia subitamente alterada no pavor indissivel da ultima visão do *morto*, o João da Quinta, aos rebo-lões pelo quarto, procurava ainda fugir-lhe, dando encontrões em todos os moveis, como a querer esconder-se com elles dos golpes da sua victima.

BEATRIZ PINHEIRO



GALERIA FEMININA

Devemos á amabilidade do sr. Henrique Luso podermos hoje offerecer aos leitores da *Ave-Azul* duas preciosas composições d'uma distinctissima dama, cujo nome vive na lembrança de quantos a conheceram e lhe admiraram os peregrinos dotes de coração e d'espirito: a sr.^a D. Theresa Luso que a Morte veio colher em plena efflorescencia de mocidade de talento. Archivando-as nesta revista prestamos a devida homenagem á memoria da illustre poetisa. Ao sr. Henrique Luso, reiteramos-lhe os nossos agradecimentos.

Confidente

No calix d'essa flor, como escondida,
Qual perola perdida entre os rochedos,
Expressão triste dos meus sonhos ledos,
Repousa pura, oh lagrima sentida !

Tu, que encerras em ti da minha vida,
Os mais castos e intimos segredos,
Não vás contal'os hoje aos arvoredos,
A' candida avesinha adormecida.

E, quando a brisa meiga e perfumada,
Batendo as azas de oiro e de saphira,
Vier trazer-te um beijo da alvorada,

D'amôr o casto e puro beijo aspira ;
Depois... oh confidente immaculada !
Envolve n'esse beijo a minha lyra.

Crepusculo e alvorada

Não sei qual preferir, se a alegria,
A frescura tão dôce da alvorada
Primaveril, risonha e perfumada,
Que vem trazer a luz d'um novo dia,

Se a luz crepuscular, toda poesia,
D'uma tarde de outomno socegada,
Quando o sol despe a purpura irisada.
E a lua sobe além, pallida e fria.

Eu sei que da alvorada a luz formosa
Nos dá força e anima para a ardente
Lucta da vida amarga e tenebrosa ;

Mas, quando a luz do sol vae no poente,
N'essa agonia lenta e dolorosa,
Eu fico-me a scismar tão docemente. . .

Porto.

THERESA LUSO



Enlaces de Reyes de Portugal con Infantas de Aragón



Tal foi o assumpto que se propoz tractar o ex.^{mo} sr. D. Juan Jordan de Uriés, Marquez de Ayerbe, na Real Academia de la Historia de Madrid, ao ser recebido como Academico numerario para a vaga que por sua morte deixou o ex.^{mo} sr. D. Mariano Tellez Girón, Duque de Osuna. Respondeu-lhe o illustre cathedratico e notabilissimo escriptor ex.^m sr. D. Antonio Sanchez Moguel, cavalheiro muito conhecido e estimado em Portugal que lhe é devedor de relevantissimos serviços.

De Hespanha nem bom vento nem bom casamento: diz o nosso povo; mas a voz do povo, se algumas vezes é voz de Deus, tambem não poucas vezes é voz do diabo...

O illustre Marquez de Ayerbe, um pouco por patriotismo, como hespanhol que se presa de ser, um pouco tambem por honra do seu nome, como neto que é dos Reis de Aragão, e ainda como representante da Hespanha em Portugal, entendeu, e bem, que nenhum outro assumpto melhor lhe devia captar as attentões do que este que tão de perto interessava o logar do seu nascimento e o da sua residencia, então.

«O exame historico dos casamentos de Reis de Portugal com Infantas de Aragão, e, especialmente, da influencia que estes tiveram na vida politica da nação portugueza», tal o thema do seu discurso: e manda a verdade que se diga que, sem o minimo resaiço de erudição pedantesca e facil, mas antes em estylo breve e singello, como o mais adequado á natureza do assumpto e á indole propria das recepções academicas, mui briosamente se desempenhou da missão que sobre si tomara, conseguindo provar a toda a evidencia que, pelo que respeita ao menos ás Princezas de Aragão que se sentaram no throno de Portugal, foram ellas modelos de todas as virtudes e mães de principes illustres por suas virtudes civicas e domesticas.

Tres foram as Princezas de Aragão casadas com Reis de Portugal: D. Dulce, mulher de D. Sancho 1.º; D. Isabel, mulher de D. Diniz; e D. Leonor, mulher de D. Duarte: a primeira foi mãe de tres sanctas — Santa Sancha, Santa Theresa, rainha de Leão e Santa Mafalda, rainha de Castella; a segunda foi ella propria Santa e a unica que até hoje, na Casa Real Portuguesa, ascendeu das grandesas do Throno ás glorias do Altar — a *Rainha Santa*, por excellencia; a ultima, finalmente, foi avó d'uma sancta tambem, a Princesa Santa Joanna, filha de D. Affonso V o Africano; e avó ainda de D. João II que mereceu da posteridade o titulo de *Principe perfeito*.

Isto pelo que respeita ao discurso do illustre academico.

Do discurso com que lhe respondeu o distincto cathedra-tico D. Sanchez Moguel nada dizemos, porque preferimos dar aos nossos leitores a satisfação de lhe apreciarem, mesmo no original, a conclusão que é um primor de eloquencia e, o que mais ainda vale, de superior bom-senso e de fidalga imparcialidade:

—Dos siglos y medio de aislamiento casi absoluto; intereses continentales, y sobre todo coloniales, diferentes; recuerdos y memorias cercanas distintas; odios aún no extintos, y tanto más poderosos quanto más parientes y vecinos son los que los sustentan; el recelo del pequeño de no ser hermanado con el grande, sino avassalado y absorbido; la arrogancia del mayor con el menor, á quien, ó menosprecia, ó juzga de fácil vencimiento, no se destruyen con teorías generales políticas. Ese procedimiento es por lo menos tan inocente como la inocencia de los legisladores de 1812, cuando preceptuaban en su famosa Constitución que los españoles estaban obligados á ser justos y benéficos.

Portugal no es un territorio más ó menos pequeño de la Península; es una Monarquía secular que simboliza su independencia; es una historia grande y gloriosa como la castellana ó la aragonesa; es una potencia colonial importante; es

un pueblo al que, por ser carne de nuestra carne y hueso de nuestros huesos, no podemos considerar inferior en ningún sentido; es, para decirlo de una vez, una nación, como Bélgica ú Holanda, con el más justo y concluyente de todos los títulos de vida: que es libre y quiere serlo.

Respetando esa libertad sin reservas ni distingos, como dignamente hace y hará siempre esta Academia; reconociendo en la casa del vecino la independendencia que queremos en la nuestra; renovando la memoria de aquellos gloriosos días en que portugueses y españoles pensaban y sentían al unisóno, sin mengua de las respectivas autonomías nacionales, y estrechando toda clase de vínculos compatibles con ellas, España y Portugal podrán vivir en fraternal armonía, como la historia nos aconseja y la mutua conveniencia nos impone.

Obrero de esta santa causa, á la que he consagrado los sentimientos más vivos de mi corazón, las ilusiones más queridas de mi espíritu, las energías más vigorosas de mi voluntad; yo, que en la cátedra y en el libro he propugnado y propugno sin cesar por ella; yo, que he tenido el honor y la dicha de promover y sustentar sin tregua ni descanso e nel seno de esta Real Academia, y con su constante y valiosísimo apoyo, la campaña que tan felices resultados está dando; yo, que he visitado nueve veces ya la nación portuguesa, recorriéndola en todas direcciones, estudiándola en sus Archivos y Monumentos y en el tratõ y comunicación de sus naturales, y que he podido así conocer los verdaderos y seguros medios de inteligencia y concordia peninsular; yo, en fin, que merecí del nuevo Académico, cuando representaba á España en Lisboa, fraternales muestras de cooperación y aprecio, al tener la honra y el placer de darle la bienvenida en vuestro nombre, me he creído en el deber de hacer públicas las convicciones de mi alma, siempre española y siempre amiga de Portugal.—

Agradecemos os exemplares ofrecidos.

CARLOS DE LEMOS.

A Crença de Anthero

POB

SEVERO PORTELLA



Em primorosa edição de 41 exemplares apenas, dos quaes um em papel *Watman*, quinze em papel *pergaminho* e vinte e cinco em papel *belga*, acaba de sahir dos prelos da Universidade este commovido e valioso trabalho de critica independente e justa, pelo seu auctor, o bizarro e scintillante estylista sr. Severo Portella, lido ultimamente no sarau commemorativo do grande Poeta dos *Sonetos*, que a *Avé-Azul*, na chronica do fasciculo anterior a este, noticiou ter-se realisado, e brilhantemente, no salão do *Instituto* para tal fim generosa-offerecido.

D'essas quarenta e tantas paginas, onde, apesar de bem orientadas, as reflexões criticas por vezes como que se diluem nos alindamentos da linguagem apurada até o exaggero, até o exotismo mesmo — exotismo que até na orthographia nos fere de surpresa a cada passo — d'essas quarenta e tantas paginas, que, sendo de critica, não deixam de ser, antes pelo contrario, de fina arte tambem — ou ellas não tivessem a sub-screvel-as o nome do nervoso prosador da *Jornada de Amargura* . . . — o que sobretudo destaca é a bella, a prestigiosa figura moral de Anthero, figura de Apostolo e de Asceta, pallida e triste, da pallidez e da tristesa do Christo no Horto das Oliveiras, mas sobranceira sempre, como a do Christo tambem sobre as vagas embravecidas, ao mar de lodo do egois-

mo e do scepticismo em que os homens da sua geração se deixaram atolar e sepultar miseravelmente. Outros começaram por protestar e acabaram por transigir vergonhosamente; outras vezes se ergueram com a d'elle, que depois se calaram num silencio que era uma cobardia: elle, não; a d'elle nunca. E' assim que eu visiono o glorioso Mestre, eu que nunca o vi, que nunca o ouvi, que o não conheci senão pelos seus versos e por duas ou tres cartas, numa das quaes, a derradeira que d'elle recebi, concluia por afirmar mais uma vez a sua fé inabalavel no *triumpho ultimo do Bem* — do Bem que a voz do seu coração de poeta e de sancto lhe segredava como suprema verdade e ideal supremo:

«Só no meu coração, que sondo e meço,
«Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
«Em segredo protesta e afirma o Bem!

E é porque elle assim foi, um crente sempre e sempre um bom, é porque elle assim foi, um apóstolo e um sancto, que a sua influencia na geração actual, mais que a de nenhum outro, se fez e se faz, felizmente, sentir, orientando-nos e avigorando-nos na caminhada da Vida «forma passageira e indispensavel do Ser que, pela sua qualidade modificavel, virá a ascender a outra especie de existencia, a unica perfeita e absoluta.»

«A sua missão social, diz-nos o sr. Severo Portella, reveste uma soberba dualidade digna de notar-se: Anthero é «o Poeta portuguez que mais perduravelmente influe pelos «seus livros, alevantando as columnas de ouro ao portico que «a nossa geração hoje transpõe; Anthero é a encarnação «completa da nossa psychologia de Novos, precoce, lacerada, «insatisfeita, que lucha sem abdicar jámais, e cujo proprio al-«quebramento signala a força que se extravía numa ancia no-«bre, quiçá irrealisavel.

Contrastam, como vêem, as palavras do sr. Severo Portella com as de quem, apontando em Anthero apenas o Poeta feminilmente vibratil e enternecido e infantilmente caprichoso e malleavel, procurou baixal-o ás proporções de

individualidade secundaria na revolução intellectual do nosso tempo, a elle que, porque foi um verdadeiro Poeta, foi, consequentemente, um verdadeiro Conductor d'Almas, como todo o Poeta o é ou, para ser um verdadeiro Poeta, o deve ser.

E o contraste mais resalta, quando, a pag. 33, o sr. Severo Portella rebate :

«Eu sei que me não faltarão objecções de quem, por ter «vendados os olhos da Razão ou a Razão alheia a refalsados intuitos, queira negar ao Poeta uma supremacia poderosa no campo social, esgrimindo com o debil pretexto de «que a sua influencia nem chegou a ser restricta, mas apenas «localizada, e em diminuta area.

«Felizmente, essa tão desassizada affirmativa pouco valerá «para quantos souberem, pela evolução sociologica, que não é «directamente que as mais das incidencias intellectuaes se «operam, antes diremos regra sem excepção, o não reverte- «rem ellas jamais á totalidade de um meio.

Foi-me tão grato depararem-se-me, na obra do sr. Severo Portella, estas linhas tão conformes, no protesto que formulam, com as que no passado numero da *Ave Azul* eu escrevera, que me não furtei ao prazer de transcrevel-as, manifestando-lhe assim o meu applauso, como por sem duvida lh'o teria manifestado em calorosas palmas, se, por felicidade minha, lh'as tivesse podido ouvir, quando foi do sarau, cuja lembrança lhe pertence.

E concluirei—que para mais me falta espaço—com as palavras que fecham o Estudo do sr. Severo Portella :

«...Um homem assim, um homem que, em meio das inclemencias barbaras e contrarias de um seculo incaracterisavel, transforma a sua Vida numa impeccavel estrada a caminho do Bem, ou é um Deus, e merece que o adoremos, «ou é um visionario de Legenda, e deixa-nos em duvida se «não será um sonho tudo quanto á nossa alma veio dizer.

Felicitando o sr. Severo Portella por este seu trabalho que já recebeu a consagração de quem mais competente, pois sabemos que o illustre escriptor sueco Goran Bjorkman, a quem a *Ave Azul* já prestou as devidas homenagens, num dos seus primeiros numeros, pelos serviços prestados ás Letras-Portuguezas, de tanto valor o achou, que espontaneamente se propoz traduzil-o para a sua lingua, aqui lhe deixamos tambem firmado o nosso agradecimento pela offerta do exemplar que ficará na nossa estante junto dos *Sonetos* do inolvidavel Morto, cujo coração descansa

—Na mão de Deus, na sua mão direita.

CARLOS DE LEMOS



PORTUGAL LA FORA

Prospero Peragallo

Cada fasciculo da *Ave Azul* que sae é mais um nome illustre de estrangeiro, amigo das nossas Lettras, a engalanar as paginas d'esta secção: era ha pouco o do sr. Antonio Padulla; era ultimamente o do sr. Thomazzo Cannizzaro; cabe hoje a vez ao sr. Prospero Peragallo, a quem do meu dever é agradecer, e muito do coração, a amavel offerta do seu precioso volume de traducções para italiano de poesias portuguezas e sevilhanas *Poesie Portoghesi e Sivigliani*, publicadas para commemorar o faustissimo casamento do illustre deputado sr. João Baptista Gereseto com a distincta e gentilissima senhora D. Josefina Pizzorni. Este florilegio pois, substitue, e brilhantemente, o epithalamio que o illustre escriptor bem desejava compôr, mas para o qual os seus setenta e seis annos, diz o sr. Prospero Peragallo no offertorio, lhe não deixam o preciso entusiasmo: modestia foi, porquanto sei (por as ter lido em revistas portuguezas, nomeadamente, na *Nova Alvorada* que o meu presado amigo e illustre poeta dr. Sebastião de Carvalho brilhantemente dirige em Famalicão) de composições suas, originaes, onde esse entusiasmo não falta e em assumptos muito menos suggestivos; mas felizmente foi que a nós nos deu este formosissimo recolho de poesias nossas e hespanholas deliciosamente vertidas para italiano—o idioma por excellencia poetico, no dizer de Anthero de Quental.

Vejam o primor desta versão d'umas *Vollas* de Camões:

A uma dama vestida de dô

De atormentado e perdido
Já vos não peço senão
Que tenhaes no coração,
O que tendes no vestido.

Ad una donna vestita a bruno

Son si afflitto e si invaghito,
Che vi chieggo questo solo,
Di nutrire in cor quel duolo
Che mostrate nel vestito.

Volta

Se de dó vestida andaes
 Por quem já vida não tem,
 Porque não o haveis de quem
 Vós tantas vezes mataes?
 Que brado sem ser ouvido
 É nunca vejo senão
 Cruzeas no coração
 E grande dó no vestido.

Sviluppo

Se vestita a bruno andate
 Per chi già dal mondo usci,
 Perchè nol vestir per chi
 Tante volte voi ammazzate?
 Grido io ben, nè sono udito;
 Chè non vidi in voi finór
 Se non crudeltade in cor,
 E un gran duolo nel vestito.

Pois, assim como esta, todas as mais do volume, escolhidas, com muito criterio, d'entre as melhores dos bons poetas nossos e hespanhoes.

Ao sr. Prospero Peragallo, que é quasi portuguez como o nosso Santo Antonio é quasi italiano,—pois que grande parte da sua vida a passou na nossa capital onde conserva numerosas e honrosissimas amizades, — á mingua d'espaco para mais, aqui lhe deixamos a expressão do nosso respeito e do nosso reconhecimento.

CARLOS DE LEMOS



REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Em atraso por absoluta falta d'espaco, começo por pedir aos auctores das obras, com que esta redacção tem sido brindada, nos relevem a demora em accusar sua recepção e agradecer o obsequio de sua offerta.

—*Umbrano*: Elegia, por Dom Thomaz de Noronha, illustrada por Antonio Augusto Gonçalves e offercida á Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora D. Maria Emilia Seabra de Castro.

Foi escripto no outomno de 98 este poemeto: d'ahi por ventura a espirital melancholia, a dolencia, vaga mas communicativa, que se evola das paginas d'esta plaqueta como perfume de violetas guardadadas, já muito seccas, dentro de cofre que de ha annos se não tivesse aberto. Um dia abrimol-o: nem já d'ellas nos lembravamos... E é toda uma tontura de cabeça e é todo um aperto de coração que sentimos de subito, ao respirarmos, surpresos, como que a alma d'essas pobres floritas, para ali guardadas, para ali esquecidas, mortas, sepultadas... E' um perfume de violetas: e é um perfume de sonhos... E' a alma das pobres flores: e é a alma dos pobres de nós tambem...

Não sei, senão assim, explicar a impressão deliciosamente triste e amargamente deliciosa que me deixaram estes bellos tercetos, a evocarem-nos, pela forma e pela ideia, coisas d'outros tempos, de tempos que já passaram, de tempos muito em opposição com os nossos tempos, mas coisas ingenuas e sanctas, affectos e saudades muito puros e muitos intimos, — como que a Alma dos Avós a balbuciar e a gemer pela bocca dos Netos...

Foi escripto no outomno e em Coimbra...

Em Coimbra—onde

- «O curso do Mondego, esmorecido,
- «Perpassa vagaroso e tão estreito,
- Que mal se pode ver em que sentido...

No outomno—e

«...ai do coitado,

«Em quem o Outomno põe seu duro effeito!

Junto da cova onde repôsa o cadaver da sua Pastora,
chora e suspira Umbrano, enquanto

«A lua branca, Circe sonhadora,

«Envolta em denso veo de nuvens negras,

«Tambem parece que suspira e chora!

Chora e suspira: e vae dizendo em doloridos versos toda a sua inconsolavel saudade, toda a sua irremediavel viuvez...

Comprehende-se pois, que o Poeta escolhesse para thema dos seus versos aquelles versiculos do *Eccl.*:—*A tristitia enim festinat mors, et cooperit virtutem, et tristitia cordis flectit cervicem...*

De cabeça abatida sobre o cajado, sentado em dura penha, os olhos tristes sobre a cova fitos, tal representou Umbrano o fino lapis do sr. Augusto Gonçalves e tal nol-o fazem ver tambem os delicados versos de Dom Thomaz de Noronha, a quem muito agradecemos o exemplar offerecido, fazendo sinceros votos para que breve nos dê o seu promettido *Livro de Sonetos*.

—*Auto da Sebenta*: Farça em verso, por Affonso Lopes Vieira.

Os leitores lembram-se ainda do centenario da Sebenta? se se lembram!... Pois—*como recordação d'esse centenario, que foi a ultima coisa bella de Coimbra*—enviou-me em abril (em abril! já lá vae tanto tempo...) enviou-me em abril o poeta do *Naufrago* o seu *Auto da sebenta* ..

Receio bem que o Affonso me leve a mal dar eu aqui noticia d'esse *trabalho alegre de duas noites*, reservado, como elle proprio diz em *Nota*, para ser, depois de representado, uma recordação apenas, e porventura só para os que nelle entraram, e para o Autor: mas enfim, c'os diabos! não resisto á tentação; tanto mais que tenho a certeza de que o bom do meu amigo, como verdadeiro poeta que é, não fica com odio a ninguem—e muito menos a mim.

E depois, como a vida é um mixto de risos e lagrimas, vá o *Registo* tambem de lagrimas e risos um mixto: depois do *Umbrano*... o *Auto da Sebenta*: é justo.

Num quarto classico de estudante está Eusebio agarrado á banca ali pelas tres da madrugada... Coitado! leu já tres livros

«Todos tres

«Resolvem uma questão:

«O primeiro diz que sim,

«O segundo que talvez,

«O terceiro diz que não...

Que ha-de o misero fazer em presença dos tres oraculos? Peor que o Burro de Buridan... Pensa; repensa; torna a pensar: e a sua opinião, sim, a sua opinião

«E' que pode ser que sim,

«E' que pode ser talvez,

«E' que pode ser que não...

E á vista de não sei quantos metros de *sebenta*, o pobre perde a cabeça e invoca o fundador

«D'esta escola de cá, e da instrucção primaria!

E surge-lhe então o Espectro de D. Diniz: e cavaqueiam os dois. Palavra pucha palavra: as tricanas, versificação doCodigo Civil, recita do 5.º anno (D. Diniz propõe que se substitua por uma tourada...) etc.; e afinal:

«Quero que me dê agora

«Noticias do meu *Waldeck*?...

Oh desastrada pergunta! ao ouvir responder-lhe que

«Passou á historia... morreu...

o Espectro desmaia: e Eusebio clama:

«Ai quem m'acode n'esta ancia!

«Valha-me o nome de Christo!

«Eram amigos d'infancia...

«Eu devia prever isto!

E segue, em bellos alexandrinos sonoros, um pledosissimo *memento* recitado pelo Espectro:

«Eu cá, quando fundei a escola que frequentas,
 «Na minha mocidade, ao nascer das *Sebentas*,
 «Disse para o Reitor, um grande canonista,
 «(Que além de ser um sabio, era grande fadista):
 «—O *Waldeck* ahi vae, livro de ponta e mola,
 «Quero que eterno fique, entendes? nesta escola!

.....
 «Oh! musical latim do *Waldeck*, quem ha-de
 «Substituir-te agora?... Ai, morro de saudade!

o *Espectro* chora... Não admira, porque eu, que só convivi com o *Waldeck* um anno (o meu anno de caloiro! .. onde vae elle?!...) sinto os olhos marejarem-se-me de lagrimas ao pensar— vaidade das vaidades! tudo vaidade!— que o meu filho, coitado! já não terá a emballar-lhe a somneca a resonancia orchestral d'aquelles latins... reaes!

—Mas ha *papa* mais fina: diz-lhe Eusebio? é a *sociologia*!

Serena um pouco o *Espectro* e, voltado á realidade das coisas, pergunta-lhe o motivo do seu appello:

«Eu chamei-vos, meu senhor,
 «N'esta hora melancholica
 «Porque soffro a horrivel dor
 «Da colica!

Pois se o desgraçado quer ser *urso* e está em vespervas d'um *estenderête* magno!

«E assim, deante do curso,
 «(Ah! que magoas me consomem!)
 «Estendo-me, não serei *urso*...
 «Ser *urso* é mais que ser gente!

E o *Espectro* atalha:

«Ser *urso* é mais que ser homem!

Ha um recurso apenas: é a *Santa Sebenta*...

E é junto do nicho da Santa que se passa o segundo quadro.

E são d'um comico unico as lamentações da *Sebenta*, a mesquinha, que sae agora *impressa* pelo alfayate *Ladeira*, em

vez de, como em outros tempos, sahir *lythographada* da mo-
dista das *Cosinhas*...

«Horror, abominação!
«Eu estou mesmo abalado!
«Já não ha respeito então
«A' poesia do passado?

E ella que na sua mocidade nunca tinha mais de oito pa-
ginas

«Uma hora antes do chá
«Sabiam-na nossos paes!

agora

«Agora sou monstruosa!
«Paginas, ás trinta e duas...
«E attinjo mesmo uma grossa
«Com a mudança das luas.

E d'antes sahia ás seis e meia; agora, isso sim! agora

«Saio a uma hora indecente,
«Impropria d'uma senhora...

Seguem depois os conselhos da *sebenta* para chegar a *urso*
infallivelmente

«Farás uma grande asneira,
«Se trouxeres cabelleira;
«Collete branco não uses,
«E fazeres versos...

EUSEBIO, *aterrado*
Cruzes!

E por ultimo:

«Citando a sociologia,
«Fallando em biologia
«E mais na anthropologia,
«N'estas sciencias, em summa,
«Não vejo razão nenhuma
«Para não crear um dia
«A da boláchamaria.

Surge então

«O divino

«O mestre, o vate ousado, o grande Rosalino!
E o *Auto* acaba com o fado da *santa Sebenta*:

«Quando nasceu, a Sebenta

«Não veio só d'uma vez:

«Nasceu ás oito e quarenta

«E o resto sahio ás dez.

.....

«A' Sebenta, ó Portugal,

«Levanta uma estatua um dia...

«E põe-lhe por pedestal

«Pedras de lithographia.

Que linda é a Mocidade, quando assim sabe rir e folgar!

Mas nem só a Mocidade assim sabe folgar e rir: aqui tenho eu um velho, que não sei por que milagre conservou até para além dos sessenta o enthusiasmo e a alacridade: a graça dos bons vint'annos d'outr'ora! Chama-se o venerando velho Joaquim Pinto de Sousa Macario e é hoje general reformado...

Eu já na *Folha* disse, quando appareceu o seu *Livro de versos alegres*, as minhas impressões acerca do merecimento dos versos e da inexhaurivel e insuffocavel seiva de mocidade que tresvasa de todas essas cento e tantas paginas. Não quero porem, ainda que já demasiado tarde o faça, deixar de alludir ao seu livro no *Registo da Aze-Azul*, tanto mais que o meu artigo da *Folha* me valeu do illustre poeta um soneto que quero aqui deixar archivado.

Alludira eu nesse artigo aos infortunios da sua vida que mais surprehendedentes tornavam os seus versos ligeiramente satyricos e deliciosamente galhofeiros. Dias depois recebia eu o soneto que segue:

Quem ler os versos meus sempre risonhos,
Julgará meu viver todo alegria,
Que meu éstro fadado pr'á folia,

Deve cobrir de rosas os meus sonhos.
 Engano! Pensamentos bem tristonhos,
 Me prendem muitas vezes noite e dia;
 Se não tivesse em mim muita energia,
 Seriam os meus dias enfadonhos.
 Perdi, infelizmente, a esposa q'rida,
 E inda a morte cruel, como um tufão,
 Me roubou cinco filhos em seguida!
 E, vivo 'neste mar de confusão...
 O genio a transpirar prazer e vida,
 E a saudade a esmagar-me o coração!

De resto, quanto eu em louvor do livro, onde respira e canta a velha graça portugueza, aqui dizer quizesse, melhor do que eu o diz e prova o brilhante prefacio que o precede, devido á penna d'um dos bons poetas da Beira que já por mais d'uma vez honrou as paginas da *Ave-Azul* e ainda neste fasciculo firma o delicioso poemeto que vae na *Salla de visitas* — José Agostinho d'Oliveira, espirito largamente orientado, possuidor d'uma vastissima erudição e a tudo isto alliando um estylo imaginoso e colorido e uma fina ironia aguda e caustica.

Causticando . . se intitula uma plaquetta que o seu autor, o sr. Francisco Sequeira, fez o favor de enviar a esta redacção. São sonetos bem metrificadós; mas, em summa, são versos, mas não são poesia. Demais, as allusões, que por ventura lhe dariam *gráça*, não as entendemos nós que vivemos longe do *meio* que taes versos inspirou.

Ao seu auctor, os nossos agradecimentos.

Eu a fallar de poetas alegres e, sobre a minha banca, uma pequenina plaquetta consagrada á Memoria do primeiro Elegiaco da Italia, o soberano Poeta da Melancholia-Absoluta, esse estranho Leopardi, tão profunda, tão irremediavelmente penetrado da desgraça da nossa humanidade, vivendo toda a sua curta vida (trinta e nove annos—1798-1837) numa longa espectativa da morte . .

«Et tu mourus aussi. Seul, l'âme désolée,
 «Mais toujours calme et bon, sans te plaindre du sort,
 «Tu marchais en chantant dans ta route isolée;
 «L'heure dernière vint, tant de fois appelée;
 «Tu la vis arriver sans crainte et sans remord,
 «Et tu goûtas enfin le charme de la mort.

São de Musset estes versos que os sonetos do illustre poeta e director da revista d'arte e letras *Iride Mamertina*, o sr. F. Italo Giuffrè, nos trouxeram á memoria, mal os acabamos de ler. Publicados por occasião do 1.º centenario do Nascimento do amargurado Poeta, estes quatorze formosissimos sonetos são na verdade um ramo de inmarcessiveis saudades desfolhadas sobre a sepultura que Ranieri e Giordani conseguiram dar ao poeta que a turba amaldiçoava — na pequenina igreja de San-Vitale, na estrada de Pouzzoles...

Formosissimos sonetos estes, que deveras nos fazem sentir não conhecermos mais nada do seu autor e ainda o não estarmos convenientemente familiarizados com o italiano de modo a mais e melhor podermos apreciar todo o encanto d'estas poucas mas preciosissimas paginas.

Para prova este soneto, o ultimo:

XIV

—«L'autor sei tu, dal cui sublime stile,
 «Candido e puro come'l marmo pario,
 «Attinsi l'estro che mi fè gentile,
 «E del Bello devoto umil gregario.
 —«Tu de' sogni m'apristi 'l verde aprile,
 «E del Vero e del Buono 'l santuario,
 «E l'alto sdegno d'ogni cosa vile
 «Da te l'appresi, o grande solitario.
 «Per te di patrio amor s'é acceso 'l core,
 —«Per te di libertà foco divino
 «Ogni fibra del sen forte m'ha invaso...
 —«O cantor de la morte e de l'amore,
 «Se Dante fu la stella del mattino,
 «Ben ti puoi dir la stella de l'ocaso.

Estrella da Tarde, sim; mensageira da Noite — da Noite a que se segue um novo dia... Que Leopardi não foi só o poeta da Morte e do Amor; foi também — e bom é que o sabemos todos! — foi também o cantor da Patria e da Liberdade.

Saudando, de cá, d'este canto do occidente, a excelsa memoria de Leopardi, ao seu inspirado e commovido cantor, o illustre poeta, sr. F. Italo Giuffré, enviamos, com os nossos agradecimentos, os nossos protestos de subida consideração e affectuosa camaradagem.

Notas d'um Hallucinado — prosas intimas — por Campos Lima. E' o Diario, em prosa, d'um poeta que a Paixão desvaira... Prosas intimas, lhe chamou: e tão intimas são realmente que quasi me doe tel-as o illustre poeta dado a publico. Paginas assim são como cartas d'amor que a gente guarda n'um cofre fechado a sete chaves — para as lermos e re-lermos, longe de vistas profanas, e sobre ellas chorarmos, se accaso a fonte das lagrimas se nos não estancou ainda no coração. Bellas paginas no emtanto; e por nos ter offerecido ensejo de as lermos, os nossos agradecimentos ao seu auctor cujos credits como poeta estão de ha muito firmados e confirmados para quantos ainda apreciam as boas-lettras em Portugal.

Almeida Garrett (1799-1899) por Leonello Modona. Meia dusia de paginas eloquentissimas que o illustre escriptor italiano, sr. Leonello Modona, acaba de fazer imprimir em Parma, consagradas á Memoria do genial Poeta das *Folhas Cahidas*. E' uma separata da publicação *Per l'Arte*, anno XI, n.º 13, 1899, que se publica em Parma.

O sr. Leonello Modona, que se mostra muito conhecedor da Obra de Garrett, dá, sobre ella, preciosas e seguras informações aos seus compatriotas que, em geral, como elle proprio declara, pouco conhecem a nossa litteratura e nada a nossa lingua, se exceptuarmos F. P. Pace, Th. Cannizzaro, Allodi, Peragallo, Zuccaro e alguns mais.

Fecha a plaquetta com chave d'ouro a poesia de Garrett

As *minhas Azas* com a versão, ao lado, do illustre poeta sr. Prospero Peragallo.

A plaquetta do sr. Leonello Modona acha-se á venda nas livrarias do Porto: aos nossos leitores, que partilharem da nossa admiração por Garrett, recommendamos a sua aquisição, assim como da Carta do illustre poeta sr. Magalhães de Azeredo ao sr. Joaquim de Araujo sobre *Garrett e o Centenario*. que assim se intitula a plaquetta, cujo exemplar, como o da anterior, agradecemos aos seus auctores e ao nosso amigo e illustre poeta sr. Joaquim de Araujo a cuja lembrança certo devemos a penhorante fineza.

Como nós, tambem o sr. Magalhães de Azeredo não ficou satisfeito com o pouco que se conseguiu fazer no Centenario do grande Poeta. — «O centenario devia ser uma festa nacional como a do cantor dos *Lusiadas*.» — Apoiado! — «Garrett deve ser solemnemente sepultado no Pantheon lusitano, no formoso templo dos Jeronymos . . .» — Apoiado ainda. Mas para que isto se consiga é que é preciso e é que é utilissimo que todos preguem, que todos gritem, que todos protestem com o mesmo calor e com a mesma eloquencia com que o illustre poeta o faz nesta primorosa e preciosa carta.

Com os nossos applausos, a certeza de que estamos ao lado de quantos suas forças empreguem na realisção de tão justo *desideratum*.

Carmencita: obra dramatica — por Giuseppe Cramegna: editor Giuseppe Maggi (Torre Annunziata, Napoles): preço liras 1,25.

Por agora só o annuncio. No proximo fasciculo fallaremos largamente, em artigo á parte, d'esta obra a todos os respeitos digna de que sobre ella incidam as attentões do publico e, mais ainda que as do publico, as de todos quantos trabalham para a Arte e pela Arte.

CARLOS DE LEMOS.

REVISTA DAS REVISTAS

L'Humanité Nouvelle, revista internacional, de sciencias, letras e artes: director scientifico, A. Hamon; director litterario, V. Emilio-Michelet; Schleicher frères, Editeurs, R. des Saints-Pères, 45—Paris: preço, cada fasciculo, de pelo menos 128 pag. em 8.º, 1 fr. 5) para o estrangeiro.

Recebemos d'esta em todos os sentidos notabilissima revista o numero correspondente a maio do anno corrente. Do seu summario, variado e interessantissimo, especializamos os preciosos artigos que se intitulam *Les des-sous économiques de la Révol. chrétienne* (por A. Coirac), *Morale et Politique* (por Eug. de Roberty) e *Le Droit pur* (por Edm. Picard). Na parte litteraria dois suggestivos contos, ambos merecedores da mais larga referencia, que aqui lhes não damos por falta d'espaco, *Helwennioul* de V. Emilio-Michelet e *La Statue de Platon* de Luiz Mullem.

Não recebemos os n.ºs posteriores a maio: pedimos a fineza de providenciarem no sentido de nos serem remettidos, favor que desde já agradecemos.

—*Iride Mamertina*—Revista quinzenal de letras e artes: Director F. Italo Giuffrè: endereço—Messina-Regio (Italia).

Faltaram-nos os n.ºs 10 e 11, correspondentes a 15 de maio e 1 de junho. Pedimos o favor de nol-os enviarem e de providenciarem para que nos não falte, porque muito apreciamos a sua leitura. Entre outras composições, todas de subido valor, o ultimo n.º recebido, de 15 de junho, traz uma bella poesia *Scene Romane* (Orestilla) de Oscar Pio e o primoroso panegyrico em latim, lido pelo seu auctor o douto professor Dr. Nicolao Franzutti, no *Teatro Garibaldi*, a 24 de maio.

—*Esperia*—revista litteraria, scientifica e artistica; director P. de Francis: Caserta (Italia).

Recebemos o n.º 7, de maio. Faltou-nos o de junho. Ao seu Ex.º Director fazemos o mesmo pedido que aos das duas revistas de que acima fallamos. Neste n.º recebido, um excerpto de *La scuola del marito* (act. 3.º, sc. 2.º) de Antona Traversi; uma deliciosa *Pagina Poetica*, collaborada, entre outros, por quatro damas, Adelaide Bernardini, Bianca Maria Cammarano, Emma Cagnis Castellamonte, Térésah e Rachele Botti Binda; e o artigo *Per un monumento*, firmado por Ettore Mauro.

—*Iride*—revista d'arte—(Spesia, Italia) director G. Conrado.

O ultimo n.º recebido, de abril, traz entre outras composições a conclusão do largo e bem orientado estudo *Arcadia lugubre e preromantica*, de Emilio Bertana; e um excerpto de *La scuola del marito* (act. 1.º, sc. 11—13 e act. 3.º sc. 19).

A illustrada Redacção d'esta revista, assim como ás do *Flirt* e *Eros* das quaes só recebemos os n.ºs de março, pedimos nos sejam enviados os n.ºs posteriores e, d'óra em deante, com a possivel regularidade.

—*Il Rinascimento*: Vae publicar-se em S. Maria C. Vetere (Italia) Corso Adriano, 9, este periodico quinzenal de arte e variedades, cujo programma temos á vista. Não arvora nenhuma theoria nova d'arte nem se abriga á sombra de nenhuma escola antiga ou moderna «A arte é multi-forme e preço é seguil-a nas suas diversas evoluções e manifestações.»

Applaudimos de todo o coração o programma e da competencia de seu illustrado Director o Dr. Colonne Abbate e de seus collaboradores esperamos vel-o cumprido.

Aguardamos o seu 1.º n.º para d'elle fallarmos mais largamente.

—*Nova Alvorada* : Director Sebastião de Carvalho—Famalicão.

Formosissimo o ultimo n.º d'esta importante revista, consagrado todo elle ao Centenario de Garrett. Sabemos que se fez separata d'este n.º, como ora de toda a justiça e conveniencia, a fim de alinal se radicar bem, no fundo da alma de todos os portuguezes, a necessidade de se fazer justiça ao grande poeta que um dia escreveu —*em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguém*—palavras que demandam um desmentido, ao menos pelo que a elle e á sua inelyta memoria respeito.

—*O Amante da Lua* de Paulo de Kock e *Os Dramas dos Engeitados* de Eugenio Sue: da Empreza Litteraria Lisbonense Libanio & Cunha (Trav. da Queimada, 34, 1.º Lisboa) temos continuado a receber estes dois interessantissimos romances que já vão, o primeiro ao fasc. 14, no fasc. 25 o segundo. Dois romancistas profundamente moralisadores este Paulo de Kock e este Eugenio Sue. Eu sei que Paulo de Kock adquiriu muito má fama; mas por isso mesmo é que aproveito o ensejo para aqui declarar que o considero um romancista moralizador — para quem o souber ler. Simplesmente, o que E. Sue faz provocando lagrimas, fal-o P. de Koeh provocando risos. Mas ambos pregam; ambos educam; ambos corrigem. A prova está nestes dois romances, que, para mais valem, são, contra o costume, *decentemente* tradusidos. Vem a proposito dizer que a Empreza Libanio & Cunha passou a assignar se Guimarães, Libanio & C.ª, com a séde, desde 1 do corrente, na rua Larga de S. Roque, n.ºs 108 e 110, — pela entrada do illustre poeta, nosso amigo, sr. Delfim de Brito Guimarães, ex-administrador de *O Seculo* e do sr. Paulo Martins Cabral, ex-encarregado da secção de publicações da empresa do mesmo jornal. Estamos certos de que a entrada dos novos socios contribuirá para garantir e augmentar os já largos e justos creditos da casa: pelo que a todos felicitamos e enviámos nossos cumprimentos.

Do *Lamecense*, jornal que se publica em Lamego, sob a direcção do valente polemista e distincto poeta José Agostinho d'Oliveira, pedimos venia para transcrever uma preciosa joia litteraria com que aquelle nosso amigo, logo no 1.º n.º, se dignou brindar nos e penhorar-nos na pessoa do nosso Ruy, que por ora lhe paga em beijos e mais tarde lhe pagará com muita estima as suas ternuras e gentilezas :

Ao Ruy!

(Ao querido filhinho de Carlos de Lemos)

Ruy, quando penso em tua doce infancia,
Penso que a Luz nasceu da rosa pura;
Que o sol rompeu d'esse jardim da altura
Que Deus cultiva na suprema estancia.

Tão bella, ardente e vivida fragancia,
Se evola meiga, e como que murmura,
Do teu gorgêo d'ave, e em tal docura,
Que o ouço, mesmo assim, a bem distancia!...

Mas quê?! Se tu d'Anhelias tens a graça,
Que o mesmo é ter de Sapho o genio herdado
E inda de Ephebo o genio em ti perpassa...

Como não has-de ser um Sol dourado,
Filho da Flor que o teu bom Pae abraça,
Astro de Deus a esse abraço dado?

C. DE L.